

Alimentação de qualidade para prevenir o câncer nos felinos



As neoplasias malignas são a causa de mortalidade mais frequente nos gatos domésticos da França e Estados Unidos. A alimentação foi a causa em 35% dos casos, segundo o especialista em oncologia Greg Ogilvie, do *European College of Veterinary Internal*.

Os ácidos graxos poliinsaturados ômega-6 (ácido linoléico, ácido gama linolênico, araquidônico, etc) tem impacto no aumento do câncer. Já os ácidos graxos poliinsaturados ômega-3 (ácido alfa linolênico, eicosapentaenóico e DHA) podem inibir as neoplasias. O ômega-6 é abundante nos óleos vegetais, pele dos animais, alguns peixes e carnes. O ômega-3 está presente em grande quantidade em peixes selvagens como o salmão, nozes e algas.

Os ácidos graxos ômega-3 reduzem a proliferação de células tumorais, induzem a diferenciação das células, a apoptose e a anti-angiogênese. São provavelmente capazes de inibir o desenvolvimento dos tumores mamários em gatos e nos humanos. Em cães acometidos de hemangiosarcomas ou linfomas um tratamento que tem se mostrado eficaz é a utilização de 32 mg/kg de DHA associado aos quimioterápicos.

Outro aspecto destacado pelo especialista é a excessiva quantidade de carboidratos e proteínas de alta qualidade presentes na dieta de cães e gatos. Os distúrbios metabólicos são diretamente relacionados aos processos cancerosos, como acidose lática e a resistência a insulina. Além disso, cães sem alimentação controlada têm maior risco de obesidade, diabete, artrose e câncer. A administração de ácidos graxos poliinsaturados do tipo ômega -3 para animais neoplásicos reforça o sistema imune, o funcionamento do tubo digestivo e a cicatrização.

Mosquitos transgênicos no combate a dengue

Segundo um estudo conjunto das universidades de Oxford e da Califórnia, está sendo desenvolvida uma nova variedade de mosquitos modificados geneticamente para não voar, o que poderia conter a transmissão do vírus da dengue. O experimento, publicado na revista *Proceedings of the National Academy of Sciences*, criou uma variedade de mosquito cujas fêmeas são incapazes de voar devido à interrupção provocada do desenvolvimento dos músculos de suas asas.

Os machos dessa variedade, quando se acasalam com fêmeas selvagens, os mosquitos fêmea da geração seguinte já nascem sem poder voar. Até agora, o experimento só foi realizado em laboratórios, mas se espera que a nova variedade desses insetos possa ser solta na natureza em 2011.

Segundo indicou Luke Alphey, pesquisador da empresa Oxford Insect Technologies (Oxitec) associada à universidade britânica, essa libertação representaria o desaparecimento dos mosquitos nativos entre seis e nove meses. A febre da dengue, um vírus transmitido pela picada da fêmea do mosquito *Aedes aegypti*, afeta a cada ano entre 50 e 100 milhões de pessoas.



Embora haja estudos em andamento sobre a prevenção e cura da dengue, o uso generalizado de uma vacina contra o vírus ainda levará muitos anos. O pesquisador acredita que se reduzirmos o número de mosquitos, poderemos reduzir a transmissão da dengue e com isso a mortalidade de pessoas. A proposta dessa equipe representa, além disso, uma alternativa segura e eficiente para combater a dengue com inseticidas, que sempre deixam resíduos tóxicos.

Os países com mais casos de dengue registrados entre 1995 e 2008 foram Brasil, Colômbia, El Salvador, Nicarágua, Guatemala, Honduras, México, Peru e Venezuela. Além disso, a doença se difundiu consideravelmente nos últimos cinco anos na Argentina, Bolívia, Costa Rica e Paraguai.